

TRABALHOS E PRODUTOS COLETIVOS NOS MESTRADOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

COLLECTIVE WORK AND PRODUCTS IN THE PROFESSIONAL MASTERS OF EDUCATION

Bernardo Jefferson de Oliveira¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9528-9147>

E-mail: bjdeoli@gmail.com

Marina Assis Fonseca²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3550-3172>

E-mail: marina.assis@gmail.com

Resumo

Este artigo trata da articulação de pesquisas nos mestrados profissionais em educação para criação coletiva de produtos complementares. Apresenta e analisa duas experiências desenvolvidas na linha de pesquisa 'Educação em Museus e Divulgação Científica' do mestrado profissional Educação e Docência (Promestre) da UFMG, e discute as vantagens e dificuldades desta articulação. Diferentemente da pós-graduação estritamente acadêmica, a pesquisa no mestrado profissional envolve também a busca de formas, linguagens e veículos adequados para audiências que não acessam textos acadêmicos, trazendo a necessidade de colaboração de designers, ilustradores, editores de vídeos e outras especialidades. O que evidencia a dimensão coletiva do processo de desenvolvimento dos produtos e recursos educacionais. Argumentamos que a extensão universitária, graças às suas características de relevância social, interdisciplinar e com uma temporalidade alargada, pode se tornar uma referência para vencer obstáculos ao trabalho coletivo na tradição acadêmica no campo das humanidades. A partir dessas apresentações e discussões, defendemos o valor pesquisas coletivas em programas e processos de produção do conhecimento aplicados à educação e em sua vinculação com a extensão universitária.

Palavras-chave: pesquisa aplicada, mestrado profissional, coautoria, pesquisa coletiva, extensão universitária

Abstract

This article deals with the articulation of research in professional master's degrees in education for the collective creation of complementary products. It presents and analyzes two experiences developed within Promestre's line of research 'Science popularization and education in Museums' at Universidade Federal de Minas Gerais, and discusses the advantages and difficulties of this articulation. Unlike strictly academic postgraduate studies, the research at professional master's degree involves the search for appropriate forms, languages and vehicles for audiences that do not access academic texts, bringing the need for collaboration from designers, illustrators, video editors and other specialties. Which highlights the collective dimension of the development process of products and educational resources. We discuss how the university extension, thanks to its characteristics of social relevance, plural interdisciplinary team and extended temporality, can become a reference to overcome obstacles to collective work in the academic tradition in the field of humanities. From these presentations and discussions, we defend the

1 Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral na Harvard University. Realizou pós doutoramento no MIT e na Universidade de Sorbonne. É professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

2 Doutora em História da Ciência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de pesquisa no departamento de Educação da University of South Florida. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

value of collective research in programs and processes of knowledge production applied to education and in its connection with university extension

Keywords: applied research, professional master's degree, co-authorship, collective research, university extension

INTRODUÇÃO

Em que medida as pesquisas de mestrado profissional são (ou deveriam ser) individuais ou coletivas? Tradicionalmente, na área de educação, cada mestrando/a desenvolve a sua dissertação e/ou recurso de forma individual. Mas será está a melhor prática? A ciência não é uma atividade coletiva?

É inerente à prática científica o embasamento em pesquisas anteriores, a referência a outros autores, dialogando com o que já foi produzido por dada comunidade científica na qual o pesquisador busca inserir-se, até mesmo contestando-a. Entretanto, ainda que seja fácil concordar que a produção do conhecimento científico é coletiva, a noção de que esta produção seja efetivamente realizada em grupos não é tão consensual.

Ainda que o conhecimento progrida pela contribuição de vários pesquisadores, esta ideia parece se configurar mais como influência, ou apropriação de conceitos, ideias, formulações de diferentes autores, do que propriamente como um modo de produção coletiva, ao menos no que se refere ao campo das humanidades.

Que o conhecer seja uma atividade condicionada socialmente é algo consolidado há muito tempo. Em 1936, Ludwik Fleck jogou luz sobre os processos coletivos na construção dos fatos e no desenvolvimento do conhecimento científico. De acordo com ele, "o pensamento é uma atividade social por excelência, que não pode localizar-se completamente dentro dos limites do indivíduo" (1986, 145). A troca de ideias entre duas ou mais pessoas engendra, segundo ele, um coletivo de pensamento. (FLECK, 1986). Fleck aborda a ciência como um empreendimento construído de forma contínua e por vários cientistas que compartilham da mesma visão sobre o assunto. E analisa também como o imbricamento de coletivos de pensamentos distintos criam áreas de atuação.

O sociólogo da ciência Robert Merton, que se debruçou sobre as características do *ethos* científico, assinalou o *comunalismo*, no sentido da propriedade comum dos bens, como uma de suas características fundamentais. "As descobertas substantivas da ciência são produto da colaboração social e estão destinadas à comunidade" (MERTON, 1996, p.271). Em uma colaboração competitiva, o cientista, mesmo recebendo o reconhecimento por suas descobertas, não terá a propriedade sobre elas, já que são propriedade comum da humanidade, o mesmo tendo ocorrido com todo o conhecimento anterior usado pelos cientistas e ao qual ele

acrescenta sua descoberta. A ciência é parte do domínio público, e está vinculada ao imperativo da comunicação dos resultados (MERTON, 1996).

Para além de ampla concordância sobre estas ideias expressas por Ludwik Fleck e Robert Merton, as pesquisas em equipe são uma prática constitutiva e essencial da produção de conhecimento, sobretudo nas ciências naturais.

A dimensão coletiva na pós-graduação, entretanto, necessita ser mais bem discutida. A ideia de coletivo pode ser difusa, no sentido, por exemplo, de que seja simplesmente alguém lendo um relato de pesquisa de outra pessoa, se beneficiando das informações, não só dos resultados encontrados, como também da abordagem, dos argumentos e até mesmo dos problemas identificados por outros.

Se isto já funcionava assim numa era analógica, com meios impressos, que dirá numa era digital, com ferramentas que elaboram textos e fazem sínteses automaticamente, como ChatGPT e outras ferramentas de Inteligência Artificial, de que tanto têm se falado ultimamente.

A experiência de seminários, por exemplo, em que todos opinam, (muitas vezes revelando dificuldades de entendimento, que é também uma forma de contribuir, evidenciando problemas na comunicação dos trabalhos e ideias), é diferente de seminários que muitos vão apenas assistir ou acompanhar, enquanto estão com o pensamento noutro lugar, noutras telas. Podemos participar para constar (e contar com esse registro), mas sem nos implicar, sem nos dispormos a contribuir e sem esperar contribuições dos outros. O que estamos referindo aqui como pesquisa coletiva são aquelas desenvolvidas em grupo, onde ocorre participação colaborativa com divisão de tarefas integradas. Esta prática, que é comum em algumas áreas do conhecimento, é relativamente rara nas humanidades, onde as pesquisas são quase sempre concebidas como trabalho isolado, obra de um único autor.

Como é comum um pesquisador formado/especializado numa área de conhecimento desconhecer as práticas de outras áreas, talvez convenha expor aos pesquisadores da educação como se dá a pesquisa e o reconhecimento de autoria em outros campos, como os das ciências da natureza. Para começar com o processo de inserção na pós-graduação, é comum a seleção de mestrandos já ser direcionada para uma determinada pesquisa em andamento, da qual o mestrando participará desenvolvendo um aspecto apenas. Estas pesquisas não se iniciam nem terminam com o curso e a defesa da dissertação.

Em segundo lugar, é comum em diversas áreas da ciência que todas as pessoas que participam do processo de pesquisa (seja na coleta de informações, seja na análise, discussão ou revisão) assinem o trabalho/artigo como autores e coautores. Assim os artigos publicados têm dezenas de autores. As revistas inclusive pedem explicitação sobre as atividades ou etapas

das quais cada colaborador participou (se na coleta de dados e/ou discussão dos resultados, e/ou na elaboração do texto, na revisão, etc). O autor principal é o primeiro, que é seguido por diversos outros. Em algumas áreas a ordem da sequência não expressa graus de envolvimento/responsabilidade, enquanto em outras o último nome é o segundo autor mais importante.

Já no campo da educação, a coautoria numerosa em artigos publicados naquelas áreas é algo que chama a atenção. Ela elucida outra diferença notável entre áreas do conhecimento: a grande quantidade de artigos publicados por cada pesquisador a cada ano. A ordem de grandeza é vista como uma hiperinflação, que interfere na partilha de reconhecimento. Como mostrou Bourdieu (2004), o empreendimento científico é um campo em disputa por capital simbólico. A concorrência é desigual e tem implicações no reconhecimento social e seus “dividendos” (financiamento, promoções, etc). Isso porque pesquisadores são avaliados pela quantidade de publicações e qualidade³ dos veículos onde divulgam sua produção. Quando um concurso ou edital envolve candidatos de diferentes campos, como, por exemplo, o da saúde mental, na qual neurocientistas disputam com psicanalistas, a diferença de capital acumulado é tão grande que a disputa parece “viciada”.

Nas humanidades de uma forma geral, a dissertação, tese ou artigos derivados delas são tradicionalmente tratadas como trabalhos de autoria única, em que o orientador raramente é assumido como coautor. Recente levantamento cientométrico sobre os diferentes tipos de colaboração (formal e informal) requeridos na atividade científica de diversas disciplinas e áreas (mais especificamente um comparativo de práticas colaborativas de coautorias e sub autorias nas publicações de dois importantes periódicos brasileiros indexados na SciELO - um das Ciências Biológicas e outro das Ciências Humanas -, ao longo do período de 2010-2019), indica que são “altos os percentuais de coautorias e sub autorias (apoio financeiro e técnico/instrumental) em periódicos das ciências biológicas”, quando comparados com os da área de sociólogos, em que predominam autoria única e nos quais as eventuais colaborações aparecem nos agradecimentos por apoio conceitual/peer interactive communication (ALVAREZ, 2023).

Seria esta diferença uma forma de resistência dos pesquisadores das Ciências Humanas? Adviria esta resistência da oposição à lógica produtivista que impera nas ciências duras? Poderia ser atribuída a um tipo de “prudência” em relação a prática coletiva, como uma forma de selecionar, distinguir quem de fato está pensando e contribuindo para um campo? Será que não existem situações em que práticas de pesquisa efetivamente coletivas sejam fundamentais?

³ A inclusão da letra S no meio da palavra é referência à Qualis, nome da avaliação realizada pela Capes.

Ainda que possa significar uma resistência a uma prática que inflaciona o produtivismo (artigos com muitos autores), não parece que possamos atribuir a resistência das humanidades à produção conjunta apenas a esse fator. Porque, independentemente desta questão, parece que nas ciências humanas, talvez mais que nas ciências naturais, (em que seria supostamente possível delinear melhor as contribuições de pessoas ou grupos - como a ideia de “tijolinhos” da ciência), os trabalhos parecidos poderiam se mostrar mais “ameaçadores” como se fossem ideias “roubadas”.

As reflexões aqui apresentadas emergiram de vivências e observações no âmbito do Promestre/UFMG. Buscamos refletir sobre o aspecto coletivo da produção de conhecimentos, ressaltando as vantagens e desafios de produções coletivas e articuladas, e apontando para convergências com uma epistemologia da extensão, conforme delineada por Araújo e Cruz (2022) e Viana (2022).

Apresentamos a seguir duas experiências de trabalho coletivos vivenciados na linha de Museus e Divulgação Científica do Promestre FaE UFMG, a fim de refletir sobre como esta forma de conduzir pesquisas pode contribuir para a produção do conhecimento nos mestrados profissionais de educação com um *ethos* de pesquisa que incorpore práticas coletivas de maneira menos preconceituosa e mais produtiva.

CONTEXTO E DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

Os mestrados profissionais do campo educacional se propõem a buscar soluções para problemáticas relacionadas às áreas de formação de professores, políticas públicas, prática pedagógica, gestão educacional, dentre outras questões.

Algumas pós-graduações estão mais voltadas à formação continuada de professores, encarada como aperfeiçoamento (atualização, complementação), do que à busca de soluções/ inovações ou avanço do conhecimento da área. Há alguns programas (ou tendências dentro deles) que estão mais voltados à formação de pesquisadores (preparação para doutorado) e outros, como o Promestre, mais dedicados à produção do conhecimento aplicado, na tentativa de resolver ou diminuir problemas concretos do cotidiano de professores, gestores e profissionais da educação (OLIVEIRA; ZAIDAN, 2018).

O Promestre, iniciado em 2014 com o nome oficial Ensino e Docência na área de concentração Ensino e Aprendizagem, tem onze linhas de pesquisa, dentre as quais a linha “Educação em Museus e Divulgação Científica”, que desenvolve estudos sobre função, modelos e desafios da educação em museus e centros de ciências. Como produtos, a linha tem

desenvolvido cursos, cartilhas, jogos, vídeos, recursos educacionais, etc, voltados ao público em geral, aos docentes, eventualmente aos gestores, entre outros.

Os estudantes, em sua grande maioria, são docentes da Educação Básica interessados em Museus e Divulgação Científica ou trabalhadores dos setores educativos de museus. Dessa forma, o público alvo dos produtos desenvolvidos são a comunidade escolar, o público dos museus, além dos próprios setores educativos e demais envolvidos com os espaços culturais.

A primeira experiência a ser relatada se deu com duas estudantes de mestrado que conduziram sua pesquisa para o desenvolvimento de diferentes dispositivos para o mesmo museu. Era a primeira experiência de orientação de uma das autoras deste artigo, o que revelou uma das vantagens desta pesquisa articulada: dar mais segurança com o compartilhamento de experiências. Neste caso, uma das mestrandas já estava com o objeto e campo de pesquisa bem definidos. A convergência de interesses representou um avanço, associando as pesquisas de modo que os produtos\recursos educacionais de ambos os trabalhos fossem complementares, possibilitando um enriquecimento mútuo.

Foram, então, realizados ajustes nos projetos iniciais. A mestranda que tinha como projeto inicial a produção de podcasts para aulas de filosofia na educação básica, percebeu brechas e possibilidades que enriqueciam o plano museológico do projeto que já estava mais avançado e bem justificado. Surgiu a ideia de que Podcasts reflexivos instigantes poderiam ser criados para o museu, em vez de áudio guias. Desta forma, surgiu a parceria entre os projetos.

A existência de produtos\recursos educacionais associados aos trabalhos de dissertação facilita a percepção de que não se trata do mesmo objeto de pesquisa e de que, apesar de sobrepostas, convergentes e colaborativas, cada mestrando(a) desenvolve um aspecto em torno de um tema. Neste caso, constituíram-se respectivamente em um Plano Museológico e Podcasts sobre o acervo do museu. Esta conjunção deixou evidente como todos se enriqueciam com a troca de ideias sobre diversos aspectos comuns às duas pesquisas, diminuindo a sensação de isolamento, que geralmente toma conta dos mestrandos quando finalizam as disciplinas.

O trabalho solitário é superado pela dimensão solidária de um trabalho de equipe, em que há um claro interesse comum pelo bom resultado do trabalho de cada um. Além de um trabalho facilitar o do outro (na elaboração de descrições, justificativas, referências, por exemplo), eles colaboram na visibilidade e exequibilidade do conjunto. Este conjunto não seria exequível por apenas um pesquisador no exíguo tempo do mestrado. Vimos que a articulação otimizou o processo de coleta de dados, com visitas a campo mais proveitosas e enriquecidas pelos diálogos na equipe de pesquisa, assim como a parte das dissertações que descrevem o museu, sua história, suas peculiaridades e relevância. Retomaremos esta questão do tempo

mais à frente. Mas, antes, importa observar que esta experiência revelou que uma das condições para que ocorram as parcerias é abertura para ajustes de rumos que os pesquisadores devem ter. Neste sentido, é fundamental a discussão franca e colaborativa sobre o processo.

Impulsionados por esta experiência, buscamos de forma deliberada articular outros trabalhos de pesquisa de novos mestrados. Um dos projetos aprovados no processo seletivo tinha, a nosso ver, grande potencial aglutinador: Ele visava a revisão de um programa que a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH) desenvolvia em parceria com vários museus da cidade. Trata-se do programa Circuito de Museus.

(<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>). Alguns dos mestrados de nossa linha de pesquisa atuam nos setores educativos de museus que integram o Programa e o projeto nuclear fora proposto por uma professora que atuava na gestão do mesmo na SMED/BH. Assim sendo, buscamos articular diferentes pesquisas sobre a educação museal em torno de uma ação formativa comum, um curso *online* de formação complementar para os professores que levam suas turmas aos museus do Circuito de Museus. Esta experiência teve início no final de 2021 e segue em desenvolvimento.⁴

A partir do interesse em promover melhor articulação entre os setores educativos dos museus e os docentes da rede municipal de Belo Horizonte, elaboramos a proposta do curso de formação docente, em parceria com a SMED, buscando também a maior integração possível com os setores educativos dos Museus a serem visitados pelas turmas dos respectivos docentes. Conjugando pesquisas que abordavam os museus e respectivas ações educativas, é que foi proposto o curso intitulado “Visitas Escolares aos Museus”.

O curso foi montado na plataforma moodle da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), que proporciona maior flexibilidade aos docentes para a execução do mesmo, facilitando o registro das experiências e a disponibilização do material, além de possibilitar o acesso e replicabilidade do mesmo para outros circuitos do mesmo projeto.

Vimos que, como tantas ações/criações desenvolvidas no âmbito do mestrado profissional, esta tinha uma clara dimensão extensionista e de pesquisa, realizou-se então o registro no Sistema de Extensão como Curso, estimulando a participação de estudantes de graduação, egressos e pessoas de fora da universidade na equipe de trabalho. Além disso, o sistema facilita a emissão de certificados pela UFMG para os docentes do município que completaram o curso.

⁴ Ainda que a evasão tenha sido alta nesta primeira turma, o processo foi extremamente rico e permitiu uma avaliação para os ajustes que estão sendo feitos para a próxima oferta, em 2023. Esta possibilidade reforça a importância de ações prolongadas e desdobradas.

A equipe foi composta por estudantes de graduação e pós-graduação e seus respectivos orientadores e membros do Projeto Circuito de Museus da SMED/BH, articulada com representantes dos setores educativos de museus participantes. Aos poucos, outros pesquisadores, de outros programas de mestrado e colaboradores vêm sendo convidados a compor a equipe, de forma a incrementar as ações deste curso ou desdobrá-las em outras.

O formato do curso, seus módulos e atividades foram desenvolvidos a partir da discussão em equipe, respeitando-se os objetivos do mesmo e buscando uma convergência entre a produção de materiais e atividades para o curso e os objetos de pesquisa dos mestrandos, bolsistas e demais integrantes. Os módulos do curso, oferecido em formato híbrido, são: Educação Museal; Projeto Circuito de Museus; Conhecendo os Museus; Preparando as Visitas; Visitas Escolares; Pós-visita. Foram propostas discussões e atividades sobre leituras de textos variados; videoaulas gravadas; fóruns de discussão; vídeos de visitas guiadas aos espaços; orientações gerais e pontuais sobre cada Museu, avaliação das visitas e registros de seus desdobramentos. Um dos desafios era justamente o compartilhamento dos registros das boas ideias e práticas, enquanto iniciativas que mereciam ser replicadas ou que poderiam inspirar outras. Mas as soluções que havíamos encontrado (aplicativos, site da pbh, repositórios) não se mostraram satisfatórias. Foi então que, em um evento acadêmico (Semana do Conhecimento da UFMG de 2022), travamos conhecimento com uma outra ação extensionista que pareceu bastante adequada para o compartilhamento das experiências registradas ao final do curso: a Plataforma Entredocentes (<https://entredocentes.docencia.net.br/>).

DISCUSSÃO, AVANÇOS E DESAFIOS

Estas duas experiências impulsionaram a reflexão deste artigo sobre a potencialidade das pesquisas coletivas articuladas nos mestrados profissionais de educação. Por envolver a elaboração de produtos/dispositivos/recursos educativos, estas pesquisas têm que lidar com outras linguagens e formas de acessos a seu público alvo. Não se trata de um formato padrão, com a linguagem acadêmica, como deve ser a dissertação: resumo estruturado, justificativas referenciadas, metodologia sobre a coleta e interpretação de dados levantados, adequação do texto a ABNT, etc. O produto/recurso educacional a ser desenvolvido deve se adequar ao público alvo, que pode ser de crianças, pais de alunos ou gestores, que provavelmente estranhariam a linguagem acadêmica. Isto traz muitas vezes a necessidade de colaboração de um ilustrador, um designer gráfico, um editor de vídeos, testes sobre a recepção/adequação da forma de comunicação, da linguagem, e de seu veículo, envolvendo aspectos que em uma pós-

graduação acadêmica seriam dispensáveis. Isto deixa ainda mais evidente a dimensão coletiva do processo e sua criação, para além do trabalho que envolve orientadores e orientandos.

Diferentemente da tradição de pesquisa básica que predomina nos programas de pós-graduação acadêmicos da área de educação, o desafio no mestrado profissional é o desenvolvimento de recursos educativos, planos de gestão, apostilas, sequências didáticas, jogos, vídeos e etc. Então, que produtos ou experiências poderiam ajudar a pensar, visualizar, ou delinear as melhores soluções? Quais as condições concretas para produzi-los? Quais linguagens ou formatos seriam mais adequados para determinado público alvo?

Ainda que tenhamos um cenário de vários encontros frutíferos, especialmente em torno do Curso de extensão “Visitas Escolares aos Museus”, tal construção não se deu sem questionamentos e conflitos: Por exemplo, quando um dos pesquisadores julga que o grupo esteja se apropriando de sua ideia, (talvez sem considerar que tal ideia já seja bem discutida antes mesmo da submissão de seu projeto). Neste sentido, foram realizadas algumas discussões sobre o pensamento coletivo com os grupos e acordado que quaisquer atividades, pensadas inicialmente, seriam abandonadas, a partir do desejo expresso pelo integrante de se desligar do grupo. Outra situação refere-se à quando alguns termos e categorias que uma pessoa utiliza (por exemplo, BNCC, ou Divulgação Científica) e outros recusam inicialmente, depois venham, no processo, a ser reconhecidos como adequados para o diálogo com o público não acadêmico. Estas vivências, aliadas aos inúmeros benefícios percebidos, fomentaram nosso interesse pela discussão da ética em pesquisas coletivas. Estes temas e possibilidades que surgiram nas vivências no Promestre FaE UFMG, aqui relatadas, nos trouxeram a esse interesse de refletir e explicitar polêmicas que tais práticas mais coletivas podem suscitar, especialmente no campo das humanidades.

O respeito à autonomia dos pesquisadores, ingerências na orientação, pressões e ritmos de trabalhos diferentes são aspectos controversos que às vezes geram desconfiças quanto ao sentido da coletividade, mesmo quando restrito a uma dupla de trabalho. Um integrante de uma equipe de pesquisa (ou orientando) pode se perguntar, por exemplo, se seu esforço está sendo devidamente reconhecido, se as pressões sofridas são apenas para aumentar a produtividade e quem será beneficiado com isso, ou mesmo se seu trabalho está sendo pautado por interesses alheios aos seus.

Muitas vezes ocorre de mestrando/as a encararem como sendo exclusivamente sua aquela pesquisa, e não como sua e de seu/sua orientador(a), da linha ou de um grupo de pesquisa. E, frequentemente, sem o devido conhecimento ou reconhecimento do que foi discutido e proposto na temática antes dele. Neste sentido, julgamos importante explicitar a

dimensão coletiva do trabalho em grupo, para além do sentido mais amplo ou tradicional da pesquisa como atividade coletiva.

Aqui, chamamos a atenção para o aspecto da temporalidade nas pesquisas coletivas. O aforisma latino *Vita brevis, ars longa*. (“A vida é curta e a arte é longa”) expressa bem esta questão. A longevidade do estudo/pesquisa sobre determinado tema ou desenvolvimento de um recurso educacional tem uma temporalidade diferente da realização de um mestrado. Assim, é comum vermos, nas bancas de conclusão, indicações de melhorias, sugestões de possibilidades de desenvolvimentos e aprimoramento que são levantados, mas que ficam, quando muito, no papel.

Defendemos que uma das grandes vantagens de pesquisas coletivas é que elas congregam e perpassam os envolvimento pessoais momentâneos. A sequência de entradas e saídas de mestrandos não interrompe seu prolongamento. Isto possibilita uma outra relação com os egressos. Em vez de páginas viradas, a interação com egressos se torna valiosa. A manutenção de um vínculo com egressos, por meio de projetos de extensão ou pesquisa, possibilita a retomada, a contribuição de novos pesquisadores e a melhoria dos recursos educacionais/produtos.

Também a aprendizagem do trabalho em equipe, apesar das dificuldades que traz - como, por exemplo, conciliar agendas, diferenças de ritmo, de condições, de *background*, etc. -, parece compensar o empenho dos participantes. Há que se ressaltar também outros aspectos positivos como a diminuição da insegurança na orientação, o favorecimento da interdisciplinaridade, o benefício de acompanhamentos compartilhados dos mestrandos nas pesquisas coletivas.

Além disso, para todos os pesquisadores da equipe, especialmente para os mestrandos, uma pesquisa mais integrada pode fortalecer o lugar de onde o sujeito vem, valorizar a forma como ele pode contribuir com algum aspecto de uma pesquisa mais ampla, a partir de suas vivências e experiência profissional (atual ou prévia). Assim, a pesquisa coletiva e colaborativa pode ser fortalecida por contribuições específicas dos sujeitos a um projeto maior, de forma que, ao invés dele ter que se deslocar simplesmente para se “encaixar” a um formato acadêmico e/ou propor uma pesquisa isolada, possa enriquecer uma ação coletiva, integrando-a, a partir do seu interesse e possibilidades.

Por diversas razões, a pesquisa aplicada é menos valorizada no âmbito da academia. Uma delas é a supervalorização da pesquisa básica comparativamente às atividades de ensino e extensão desenvolvidas na Universidade. Uma mudança vem ocorrendo neste cenário, com a valorização das atividades de extensão em concursos e editais. A extensão universitária

valoriza a relevância social, em diálogo com a sociedade e busca interdisciplinar de solução de seus problemas concretos. A dimensão extensionista das universidades já foi caracterizada por um viés assistencialista, e também como prestação de serviços e transferência de conhecimento. Sem que estas vertentes tenham se extinguido, elas vêm perdendo terreno para uma atuação mais política, que reforça a relevância social como critério de pesquisa.

Há, sem dúvidas, dificuldades para se precisar a relevância social. Seria o número de pessoas atingidas, o impacto nas mudanças culturais, a repercussão na mídia? Um dos critérios adotados por fundações, governos e ONGs que podem ajudar a pensar nossos trabalhos é o vínculo com políticas públicas, que possam ser expandidas e servir de modelo para outros grupos/localidades⁵. Além destes, contam como critérios de avaliação a viabilidade, exequibilidade, (por exemplo, exigir que se possua experiência acumulada no mesmo tema), interação com a comunidade (participação da comunidade durante as etapas de planejamento, execução, monitoramento e avaliação) e estratégias de continuidade das ações. O que pressupõe uma certa perenidade. A nosso ver, o caráter aplicado das pesquisas desenvolvidas nos mestrados profissionais, especialmente priorizado o fazer *com* e não apenas *para* o público externo, converge com a atualização necessária à extensão universitária. Sobretudo quando se considera a extensão “enquanto balizadora de práticas de ensino e pesquisa que subsidiem a emancipação dos sujeitos e a justiça cognitiva, base para a justiça social”, (OLIVEIRA, 2022).

CONCLUSÃO

Entendemos que a pesquisa articulada em torno do Curso “Visitas Escolares aos Museus” viabilizou a concretização da proposta e ampliou o potencial de ação que as pesquisas e recursos/produtos teriam, caso fossem desenvolvidos individualmente, por consistir numa ação articulada e potencializadora de melhores resultados. Por meio da participação em uma ação de natureza extensionista e voltada para o público alvo, os pesquisadores puderam desenvolver produtos que foram efetiva e rapidamente acessados pelos sujeitos aos quais foram direcionados.

Além disso, a/os mestranda/os puderam contribuir em uma ação coletiva, através de sua participação, sugestões e experiência profissional qualificada e viabilizadora das ações, a exemplo da colaboração de um pesquisador responsável pelo setor educativo de um dos

⁵Um bom exemplo é a plataforma de tecnologia sociais da Fundação Banco do Brasil (<https://transforma.fbb.org.br/>), que seleciona, certifica, premia e divulga diversas iniciativas muito interessantes. o caso desta plataforma, é necessário que a iniciativa/tecnologia proposta esteja sendo desenvolvida há mais de 3 anos para o registro.

museus do Circuito, e de outra integrante da equipe responsável pelo Programa ao qual os cursistas estavam vinculados. Da mesma forma, o olhar e as questões colocadas por uma mestranda, que também é vice-diretora em escola da rede municipal, contribuíram para uma visão realista, que redirecionou a própria definição do produto vinculado a sua pesquisa como um material complementar e anterior ao curso que apoie os professores a produzirem projetos para concorrer ao ingresso no Programa.

Estes entre outros sujeitos, a partir de suas experiências profissionais, de seu foco na pesquisa, e da oportunidade de integrarem uma ação coletiva de amplo alcance, se beneficiam das reflexões e do campo de pesquisa implementado na execução prática do curso. Ou seja, entendemos que o curso tem promovido aos docentes e à equipe de pesquisadores campo de pesquisa e reflexões acerca da educação não formal, fornecendo informações e orientações sobre os equipamentos culturais disponíveis na cidade de Belo Horizonte, apresentando atividades preparatórias para aproveitamento de aspectos das visitas no ensino e na vida dos(as) estudantes e, finalmente, facilitando o registro e troca de experiências entre os docentes participantes.

Tanto o curso, ação coletiva mais abrangente e deliberada, como as outras experiências pontuais aqui descritas nos possibilitaram refletir sobre vantagens e dificuldades que a dimensão coletiva da pesquisa coloca. Ainda que pesem dificuldades, procuramos defender que a dimensão coletiva é um aspecto do *ethos* científico que deve ser abertamente discutido e observado, a fim de potencializar as ações, especialmente nos mestrados profissionais de educação. Defendemos que a prática coletiva de pesquisa e os produtos/recursos educacionais delas decorrentes podem favorecer as vocações extensionistas destes programas, inclusive convergindo para o delineamento do *ethos* mais contemporâneo da extensão universitária do *fazer com*, também entre os pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, G. R. Colaboração científica: indicadores de coautoria e subautoria em periódicos indexados na SciELO. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 119493, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245284.119493. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119493>. Acesso em: 28 mar. 2023.

ARAÚJO, R. S. de; CRUZ, P. J. S. C. Reflexões epistemológicas sobre a extensão universitária: contribuições ao diálogo de saberes. **Linhas Crí-ticas**, [S. l.], v. 28, p. e36816, 2022. DOI: 10.26512/lc28202236816. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36816>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência** São Paulo: Unesp, 2004.

FLECK, Ludwik. **The problem of epistemology** [1936]. New York: Kluwar Academic Publishers, 1986

LOPES, A. C; COSTA, H.H.C. A produção bibliográfica em coautoria na área de educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17, n. 51. Dez 2012 DOI:10.1590/S1413-24782012000300013 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/VxXG5RG4Fq5yz6wrdyTDdyr/?lang=pt> Acesso em: 28 mar. 2023.

MERTON, R. K. **The Ethos of Science** (1942) In: _____. On social structure and science. Ed. Piotr Sztompka. Chicago: Univ. Chicago Press, 1996.

OLIVEIRA, B. ; ZAIDAN, S. A produção de conhecimento aplicado como foco dos mestrados profissionais. In: **Mestrado profissional: implicações para a educação básica**. Guimarães, Selva; Gonçalves, Wenceslau (orgs.). Campinas, Alínea, 2018. Pgs 41-57.

OLIVEIRA, L. V. A extensão universitária socialmente orientada enquanto resistência epistemológica: Possibilidades emancipatórias. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/33737>. Acesso em: 28 mar. 2023.